

Conversações do VIII ENAPOL

ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

3. Que coisa é um irmão?

Responsável NEL: Giancarla Antezana

Participantes: Diego Tirado, Mario Elkin Ramírez, Claudia Subieta, Gabriela Villarroel, Daniela Dotzauer, María Elena Cano, Ana María Badani, Sergio Leyton, Christian LaTorre

A extimidade de um irmão

1. A chegada de um irmão

Na Bolívia, há um dito popular utilizado no nascimento de uma criança dizendo que ela "vem com sua Marraqueta debaixo do braço",¹ em referência a todo o bem e toda a esperança que ela traz consigo, além de referenciar os bons presságios que são depositados no casal. Mas, além do ideal romântico que envolve o advento de uma nova criança na família, ela também toma o lugar de um "irmão", cuja chegada é contingente e brusca. Um irmão é alguém que não é escolhido, vem em um momento inesperado e parece introduzir algo da ordem da intrusão. A Marraqueta seria uma espécie de Caixa de Pandora, que contém muitos mistérios e nos permite analisar a subjetividade em jogo nas relações humanas.

Desde os tempos antigos, em algumas narrativas bíblicas como a de "Caim e Abel", vê-se como a inveja corrói um deles pelo lugar privilegiado que o outro tem no desejo do pai, levando-lhe ao homicídio do outro; assim como narra-se a comovente história de José, jovem vendido por seus irmãos por ser o filho favorito do progenitor. Ambos relatos apresentam o irmão como alguém importuno e merecedor do ódio e do aniquilamento. Um irmão é um "outro" diferente de si mesmo, alguém que está marcado pelo imperativo de amá-lo, apenas pelo fato da fraternidade e que, com a sua intromissão, nos obriga a dividir o amor familiar.

¹ Na Bolívia, também é conhecido como pão de batalha. É um pão feito de farinha de trigo forte, consumido com muita frequência devido ao seu sabor agradável e sua consistência.

Por isso, somos forçados a formar laços que, mais tarde, serão a base para a construção de futuras relações sociais.

Através do irmão, o sujeito aprende a respeitar o espaço e o direito do outro e vai integrando-se nas regras, leis e regulamentos que regem uma comunidade para poder conviver com outros. Para Freud, isso só é possível com a aquisição de elementos culturais que um sujeito vai assumindo, simultaneamente à resignação da satisfação de suas pulsões individuais, em favor de seus interesses coletivos. Hoje em dia, a sociedade funciona com a lógica do "para todos", com a qual se constroem os direitos e deveres de todo cidadão. Este pensamento se estende até a família, na relação entre irmãos, com a seguinte premissa: "As coisas devem ser iguais para todos, porque todos são amados da mesma maneira", eludindo a singularidade que marca o sujeito.

Este raciocínio é sustentado pela máxima que nos legou a religião, tendo servido de inspiração para muitos humanistas: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo". Segundo Freud, este preceito seria impossível de se cumprir na realidade, uma vez que o amor é algo valioso para o narcisismo e que, se você ama, o outro deve de alguma forma merecê-lo.

E ele merece sim em aspectos importantes, se parece tanto comigo, que posso amar-me a mi mesmo nele; ou merece se suas perfeições são maiores do que a minha que eu posso amá-lo como o ideal da minha própria pessoa [...] mas se é um estranho para mim e não pode atrair-me por algum valor dele ou algum significado que tenha adquirido para minha vida afetiva, será difícil para mim amá-lo.²

Freud mostra que quando alguém se torna o "estranho", não só não é credor do meu amor como, pelo contrário, desata minha hostilidade e meu ódio. Não é fácil para o ser humano renunciar à inclinação agressiva. Há amor para alguns poucos enquanto dirige-se a hostilidade a outros, trata-se de relações de poder em que o "narcisismo das pequenas diferenças" entram em jogo.

Lacan também realiza uma compreensão completa do que acontece, na análise da subjetividade, quando intervém este primeiro "outro" apresentado na imagem do espelho, produzindo uma tensão agressiva, que o sujeito resolve por meio da identificação, com a qual

² Freud, S., *Malestar en la cultura. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu. 2006, p. 106.

pacífica a angústia da fragmentação corporal primária. Mais tarde, em meio à relação doméstica, quando o sujeito fica sabendo que tem um irmão, ele se torna o suporte dos ciúmes e da rivalidade imaginária. "O papel traumatizante do irmão, no sentido neutro, é assim constituído por sua intrusão".³ Assim, compreende-se a natureza agressiva no homem, que encaminha o seu desejo apoiando-se no objeto de desejo do outro, o que produz uma concorrência agressiva. Um bom exemplo é o longa "Lendas da Paixão", de Edward Zwick 1994, no qual três irmãos que se amavam intensamente, disputam o amor de uma mulher, o que leva a um desfecho trágico porque sai à luz, a preferência paterna por um dos filhos.

Lacan toma do escrito de Santo Agostinho o exemplo para ilustrar o cerne da questão: "[...] eu vi com meus próprios olhos e conhecia bem a criancinha presa nos ciúmes. Ainda não falava mas já contemplava, todo pálido e com um olhar envenenado, o seu irmão de leite. "Essas são as coordenadas psíquicas da agressividade original que provém da "paixão narcisista".⁴

Já Freud argumentou que uma das primeiras perguntas que o infante se faz é: de onde vem as crianças? Ele se pergunta sobre a origem, mas também sobre o trauma que supõe a chegada de um irmão. Lacan também colocou na base da sociabilidade, o sofrimento que os ciúmes infantis causam, revelado nos fenômenos de transitivíssimo com esse *outro igual* e, que despertam o interesse do pequeno de saber de onde surgiu esse rival, para se livrar dele.

O ego se constitui no mesmo tempo que o próximo no drama dos ciúmes. [...] é uma discordância que intervém na satisfação espetacular (...) ela envolve a introdução de um objeto terceiro [...].⁵

A chegada de um irmão, que pode ser o irmão consanguíneo, o meio-irmão, o irmão adotivo, o irmão de criação, etc., vem a desencadear as paixões da alma, amor, ódio e ignorância, e a reproduzir o pulsional do sujeito em relações nas quais ele encontre um par ou um rival em seu caminho. Estes ciúmes humanos resultam ser o arquétipo das relações sociais.

³ Lacan, J., Los complejos familiares en la formación del individuo. *Otros Escritos*. Buenos Aires: Paidós. 2012, p. 54.

⁴ Lacan, J., La agresividad en psicoanálisis. *Escritos I*. México: Siglo veintiuno. 2001, p. 107.

⁵ Lacan, J., Los complejos familiares..., *op. cit.*, p. 54.

2. A função de um irmão

Seguindo a lógica dos três registros de Lacan, o imaginário, o simbólico e o real para explicar as dimensões da subjetividade humana, Ernesto Sinatra disse que na estrutura familiar, podem-se encontrar três estatutos. Em primeiro lugar, a função do irmão como "semelhante" no registro imaginário, refere-se ao campo da rivalidade especular, ao outro a partir da perspectiva horizontal que pode ser o oponente ou o cúmplice, ou outro com quem se concorre, mas também se compartilha.

São todos aqueles relacionamentos nos quais o irmão se torna um companheiro de brincadeiras e travessuras, o amigo com quem pactuam-se segredos ou o camarada com quem se vivem aventuras. O irmão é aquele que pode se tornar um modelo identificatório, um apoio moral ou alguém em quem se deposite a ira, a violência e a comparação:

[...] Todo irmão é um semelhante como. [...] Quer dizer, alguém com quem podemos cotejar-nos, enfrentar-nos [...] como em um espelho (real ou virtual) e dependendo da perspectiva adotada – de que modo o enfoquemos desde nossas fantasias – teremos esta ou aquela imagem dele que repercutiria na nossa, em nossa própria imagem [...].⁶

Em segundo lugar, está o status do "próximo", ocupado pelos pais, como uma função da alteridade no registro simbólico, posição vertical que mediatiza e orienta a relação imaginária dos filhos e introduz a diferença. No entanto, estes lugares mudam, e os pais, contemporaneamente, podem se situar no lugar do semelhante e entrar na competição imaginária com os filhos. Nesta época da caída do Nome do Pai, na qual os adultos não gostam do envelhecimento, reina o imperativo social de "ser jovem" para sempre e os pais se confundem em sua função com os filhos, assim como existem os irmãos mais velhos que cuidam dos mais novos, exercendo uma posição simbólica.

Se convocamos a família e seus assuntos referimos coisas que nos envolvem profundamente, já que cada membro da família carrega as marcas do Outro, Outro que se declina nos próximos mais achegados que tem iniciado na vida de um: a partir das marcas

⁶ Sinatra, E., *¿Por fin hombres al fin!* Buenos Aires: Grama. 2010, p. 102.

que foram recebidas, até as produzidas no outro; marcas distribuídas entre os laços de sangue e aliança.⁷

Uma terceira forma que aparece nas relações familiares é o surgimento da figura do "duplo", origem daquilo que emerge como uma irrupção do real, proposta por Freud como "O ominoso". Um irmão pertence ao âmbito do familiar, do íntimo. No entanto, pode, em certas circunstâncias, vir a ser o mais perturbador e estranho. O irmão pode ser um duplo, não só pela sua semelhança física, mas também por compartilhar certas identificações primordiais e códigos de linguagem; por ter participado do discurso familiar que erigiu valores que pretendem transmitir ao conjunto da fraternidade e também por ter partilhado um saber, um sentir e um vivenciar juntos. Se não fossem pelas contingências que acontecem a cada um com o objeto, poderia até se falar de um idêntico destino significante.

Os lugares inconscientes ocupados pelos membros da família não são estáticos, mas sim, dinâmicos. Um irmão pode ter, em um ponto, uma função pacificadora ou também uma função ominosa. Como disse Sinatra: "O que pacífica um, pode inquietar extremamente o outro", a presença do irmão pode se tornar perturbadora e até mesmo persecutória, em momentos diferentes. A função sinistra do irmão, por vezes se revela de modo camuflado nos pesadelos, nos quais o desejo inconsciente se evidencia. O irmão pode conter o objeto que causa o desejo ou o objeto que introduz um pedaço do real e nos remete ao *Unheimlich*.

Lacan afirma que encontrar alguém na experiência como uma réplica de nós mesmos colocamos em um ponto de estranheza, próprio das apreensões do duplo, provocando uma angústia incontrolável. Assim, vemos que o complexo de intrusão nos conduz, desde os fenômenos do omissos até o delírio paranoico do duplo ou da esquizofrenia, na fragmentação no gêmeo; ou mesmo em nível social, se reencontrará este complexo na construção do inimigo.

Por tudo isso, "o irmão" oscila entre amigo e inimigo ao par que leva a trama complexa que estrutura o semelhante, a partir do próximo desde o centro mesmo da subjetividade.⁸

⁷ Sinatra, E., El otro en Uno. *Lacan XXI. Revista FAPOL online*.

<http://www.lacan21.com/sitio/2016/10/25/asuntos-de-familia-el-otro-en-uno>

⁸ Sinatra, E., *¿Por fin hombres al fin!*, op. cit., p. 114.

Podemos ver a ilustração de tais demonstrações em películas como *Dead Ringers* (traduzido como "Inseparáveis", "Aliança de Amor" ou "Mortalmente parecidos"), de David Cronenberg (1988), no qual dois irmãos têm a mesma profissão de cirurgião e em momentos diferentes um toma o lugar do outro, ou seja, um é o outro, até mesmo nas relações sexuais. Eles são tão unidos e "sincronizados", quase como se nunca tivesse havido uma separação desde o ventre materno, o que se reflete na frase que diz um deles: "O que flui através de sua corrente sanguínea vai diretamente para o meu". Ou no filme "The Other", de Robert Mulligan (1972), que apresenta a inquietude, algo perturbador naquele espaço ideal, onde se explora o tópico do gêmeo malvado como encarnação do duplo. Neste filme se vê como um leva ao duplo dentro de si mesmo e constata que "o horror sempre esteve no interior". Isso nos leva a pensar o duplo, como a esse Outro "estrangeiro" que pode estar em nós mesmos, ou até mesmo a nos interrogarmos quanto até onde termina o eu e começa o outro?

3. A extimidade de um irmão

Lacan inventou um termo que é extimidade, para sustentar como o mais íntimo e próximo é, ao mesmo tempo, o mais estranho e alheio. Isso pode ser encarnado por um irmão, mas também nos leva a uma profunda reflexão de um "outro" no interior de nós mesmos.

A Extimidade nos introduz a uma dimensão na qual, em seu foro mais íntimo, o sujeito encontra outra coisa. É a descoberta freudiana do inconsciente que, quando se manifesta, o sujeito sente desconforto e não o reconhece como seu próprio.

Qual é esse outro com o qual estou mais ligado do que comigo mesmo, já que no seio mais assentido de minha identidade é ele quem me agita?⁹

A extimidade aparece como o que afeta e mexe o sujeito, até o ponto de fazê-lo sentir que *não está em casa*. O que é a extimidade? *Lalangue*, o inconsciente, o Outro, o objeto *a*, o amor, a angústia, o gozo. Tudo o que envolve uma fratura, um quebre, o reencontro com das Ding, primeiro exterior no interior, mesmo do campo das representações.

⁹ Miller, J.-A., *Extimidad*. Buenos Aires: Paidós. 2010, p. 18.

O estudo do inconsciente leva Lacan a propor uma topologia diferente, a topologia do Toro para explorar a flutuação entre um interior e um exterior, um adentro e um afora, que revela a estrutura de extimidade.

A Extimidade é também o laço de um sujeito com outro sujeito, já que pode ser algo na ordem da competição mortal e o osso deste é o *reconhecimento*. Como Miller diz em seu Seminário Extimidade: "Como reconhecer que o outro é um sujeito como eu?".

O sujeito, em busca de reconhecimento, atinge a reciprocidade imaginária, que logo se deslizará para uma disparidade simbólica, através do Outro como lugar do significante. Mas o gozo excede a problemática do reconhecimento.

Na análise de "Tu e Eu", Lacan está interessado em elucidar como se dá a inclusão do real no simbólico.

[...] esse tu de devoção no qual às vezes tropeça a manifestação da necessidade de carinho. [...]. Acho que existe nele a tentação de domesticar o Outro, o Outro pré-histórico, o Outro inesquecível que arrisca surpreender-nos de repente e precipitar-nos desde o alto de sua aparição [...] inteiramente em esse tu, e não em outro lado, reside o que lhes apresenta hoje como das Ding¹⁰

Miller dá o exemplo do vacúolo¹¹ que nos lembra de como alguma coisa, apesar de ser incluída no conjunto, não é, no entanto, do mesmo tecido. O vacúolo revela o paradoxo da inclusão do resto da coisa no Outro e o "tu" visa precisamente este vacúolo – como um parasita - no outro. O tu, dirige-se a este resto da Coisa que está no Outro.

Isto está magistralmente ilustrado na obra literária, "O Estranho Caso do Dr. Jeckyll e Mr. Hyde a" Robert Louis Stevenson (1886). Neste romance, Dr. Jeckyll, liderado pelo ideal da ciência, tenta encontrar a fórmula para extrair o melhor do ser humano, tendo a si mesmo como objeto de pesquisa e se encontra com *o pior...*

[...] A droga não teve ação discriminatória não era nem diabólica nem divina; se limitou a derrubar as portas da prisão da minha constituição [...] o que estava dentro saiu fora. [...] Então, ainda tendo eu dois caracteres e dois aspectos, um era totalmente mau e o outro

¹⁰ Lacan, J., *El seminario, libro 7. La ética del psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós. 2009, p. 72.

¹¹ Círculo que encierra a otro círculo interno que es la vacuola que tiene otro tipo de tejido.

ainda era o velho Henry Jekyll. [...] O movimento foi, portanto, completamente orientado, para o pior.¹²

A moral de Jekyll tentou suprimir e reprimir a dimensão daquele gozo ignorado que a droga conseguiu libertar e dar rédeas largas ao personagem de Mr. Hyde. No entanto, esse gozo rejeitado vem a possuir tanto o sujeito, até o ponto de reconhecê-lo como próprio.

E aquilo tinha que acrescentar que aquele horror insurgente foi amarrado a ele mais intimamente do que uma esposa, mais intimamente do que um olho; aquilo estava enjaulado na sua carne [...].¹³

Esta obra monumental que faz da dualidade humana um escabelo, nos leva a indagar: o que está no profundo do "racismo", manifestação extrema da hostilidade para com o outro?

Sobre o racismo, como Miller disse seguindo Lacan, é um ódio que é direcionado precisamente ao que fundou a alteridade do outro, ao mais singular que é o gozo do Outro. Ela envolve a proximidade do Outro, porque a partir do momento em que há uma abordagem, há confrontação entre os modos incompatíveis de gozar, porque este Outro, está sempre ligado a uma parte do gozo que não merece.

A questão é em outro nível, que é da tolerância ou da intolerância ao gozo do Outro, na medida em que é essencialmente aquele que subtrai-me o meu. [...] A raiz do racismo, a partir dessa perspectiva, é o ódio do próprio gozo. Não há mais do que isso. Se o Outro está em meu interior, na posição de extimidade, é o meu próprio ódio.¹⁴

O "tu e eu" levam à guerra, sustentam a violência do instinto de morte e o assassinato imaginário do irmão.

¹² Stevenson, R. L., *El extraño caso del Dr. Jekyll y Mr. Hyde*. España. 2005, pp. 104-105.

¹³ *Ibidem*, p. 118.

¹⁴ Miller, J.-A., *Extimidad*, op. cit., p. 55.

A causa da guerra [...]. A causa está no que não está dito, no que se supõe e que é impulsionado por um ódio visceral. [...] esta violência cega [...], encontra um espaço sempre em jogo: o do corpo do inimigo.¹⁵

A Escritora boliviana Rosalba Guzmán, conta uma história infantil que ilustra o ódio que se tem ao diferente, encarnado em uma criança que é uma e dois, ao mesmo tempo. É uma menina que tem um só corpo, um coração e duas cabeças, por isso a chamam Filomena - Mena. Até mesmo o nome parece ecoar a repetição da mesma pessoa. É uma menina ou duas meninas no mesmo corpo? Esta pequena mulher é tão diferente dos outros, que o médico, de discurso científico, a chama o “projeto x2”.

É a única criatura que se fazia perguntas com uma cabeça e se respondia com a outra. A única que conseguia dormir e estar acordada simultaneamente. A única que calava e falava ao mesmo tempo. A única que olhava para a esquerda e para a direita ao mesmo tempo.¹⁶

Esta menina de duas cabeças, que encarna a um "Outro para si mesma", também introduz um elemento ominoso na acentuada falta de diferenciação entre ela e a outra, encontrando como recurso imaginário, o penteado para conseguir uma separação.

O interessante é que, apesar de todos na cidade fofocarem, criticarem ou se benzerem ao olhá-la, ela tem um irmão que lhe dá beijinhos na bochecha e se orgulha de ser o irmão da única *garota no mundo que se penteia com e sem franja*. Ambos cantam canções até que adormecem e, enquanto ela sonha em ser "a única", ele se alegra sendo o "irmão" de "a única", fantasia compartilhada que lhes possibilita uma solução.

Tradução: Daniela Dotzauer

Revisão: Raoni Huapaya e Tiago Mota Tradução: Daniela Dotzauer

¹⁵ Briole, G., El cuerpo del enemigo. *Bitácora Lacaniana*. Número extraordinario. Violencia y explosión de lo real. Buenos Aires: Grama. 2017, p. 84.

¹⁶ Guzmán, R., *Filomena-Mena*. Bolivia: Don Bosco. 2017, pp. 15-16.

Bibliografía

- Freud, S., Malestar en la cultura. *Obras completas*. Buenos Aires-Madrid: Amorrortu. 2006.
- Freud, S., Lo ominoso. *Obras completas*. Buenos Aires-Madrid: Amorrortu. 2006.
- Lacan, J., El estadio del espejo como formador de la función del yo (*je*) tal como se nos revela en la experiencia psicoanalítica. *Escritos I*. México: Siglo veintiuno. 2001.
- Lacan, J., Los complejos familiares en la formación del individuo. *Otros Escritos*. Buenos Aires: Paidós. 2012.
- Lacan, J., La agresividad en psicoanálisis. *Escritos I*. México: Siglo veintiuno. 2001.
- Lacan, J., *El seminario, libro 7. La ética del psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós. 2009.
- Miller, J.-A., *Extimidad*. Buenos Aires: Paidós. 2010.
- Sinatra, E., *¡Por fin hombres al fin!* Buenos Aires: Grama. 2010.
- Stevenson, R. L., *El extraño caso del Dr. Jekyll y Mr. Hyde*. España. 2005.
- Briole, G., El cuerpo del enemigo. *Bitácora Lacaniana*. Número extraordinario. Violencia y explosión de lo real. Buenos Aires: Grama. 2017.
- Gusmán, R., *Filomena-Mena*. Bolivia: Don Bosco. 2017.
- Sinatra, E., El otro en Uno. *Lacan XXI. Revista FAPOL online*.
<http://www.lacan21.com/sitio/2016/10/25/asuntos-de-familia-el-otro-en-uno>